

EduCarapicuíba

5º edição | 27 de Março 2025

ESPECIAL MÊS DAS MULHERES



Entrevista com

Dona Leonalda, Diretora por 22 anos da EE Amos Meucci



Maria Leonalda de Barros Holtz, antiga Diretora da EE. Amos Meucci.

“Tudo é lição de vida. Aprendi muito”, Assim Maria Leonalda de Barros Holtz define a experiência de vida que adquiriu ao longo dos 22 anos em que esteve a frente da direção da Escola Estadual Amos Meucci, de Carapicuíba. No último dia 14, dona Leonalda, como é chamada, revisitou a escola e, durante conversa que reuniu pessoal da antiga e da atual gestão, relembrou histórias dos seus 45 anos de vida dedicados ao magistério.

Nascida na cidade de Boituva, onde se formou em magistério, dona Leonalda chegou em Carapicuíba no ano de 1977 para lecionar na Escola Engenheiro Mário Sales Souto. Antes, passara por São Roque e Mairinque e chegou a trabalhar em salas de aulas instaladas em sítios, as chamadas escolas de emergência. Ali, ensinar para crianças de diferentes séries em uma mesma sala, com lousa dividida era apenas uma de suas atividades.

A jornada começava com a preparação da merenda. *“Não tinha água encanada e depois nós íamos lavar os pratos num riozinho que passava perto da escola”.* Era o tempo ainda da relação do educador com pequenas turmas de alunos, que depois só foi aumentado.

Formada em Educação Física e posteriormente aprovada no concurso para direção, dona Leonalda ingressou na Escola Estadual professora Mary Mallet Cyrinom em Itapevi. Em 1991, assumiu a gestão da Escola Amos Meucci onde o desafio era não só a quantidade como também a diversidade de alunos. *“Quando entrei aqui tinha do prézinho até o ensino médio; e o magistério”.* E ainda acumulava como professora em Barueri. *“Trabalhava muito”.* Para encarar o desafio: firmeza.

“Lembro que quando eu saía no corredor me sentia um gato”. E os alunos, com medo de serem advertidos, corriam para as salas de aula. A busca ativa, hoje importante instrumento nas escolas para garantir a presença dos jovens no ambiente escolar, ela já fazia. Pessoalmente. Quando convocava responsáveis por alunos e não obtinha retorno, agia. *“Eu ia na casa. Quando eu prometia, cumpria. As mães vinham na escola, conversavam com os professores...”.* E sobre a fama de rígida que ganhou ao longo do tempo... *“Eu sou mãe. O que eu não queria para os meus filhos, não queria para os meus alunos”.*



Dona Leonalda, Agente Valquiria, Secretária Vanderli e equipe CRH da Diretoria de Carapicuíba.

Aposentada há dez anos, e após encarar tantos desafios que os trabalhos na área da educação lhe apresentaram, *dona Leonalda* hoje sente-se realizada. ***“Eu gostava do que eu fazia”.***



Dona Leonalda antiga Diretora do Amos Meucci e Sandra Fusco atual Diretora e foi aluna do Amos quando Leonalda era Diretora.

Também acompanhou as mudanças na realização das tarefas no ambiente escolar. Da documentação feita nas máquinas de escrever ao início dos trabalhos nos computadores e a internet. *“No começo (para acessar a internet) tinha que discar, era aquele barulhão. E tinha que fazer cursos para mexer no computador”.* Lembrou do importante trabalho realizado pelas alunas do magistério com os pequenos do Fundamental I. *“As meninas davam muito apoio”.* E relembrou ainda os desafios de dirigir uma escola ao lado da delegacia de polícia. Vivenciou presos que chegaram a fugir da cadeia e pularam os muros da escola. E pais que iam se queixar da direção da escola ao delegado. *“Iam reclamar de mim lá na delegacia”.*

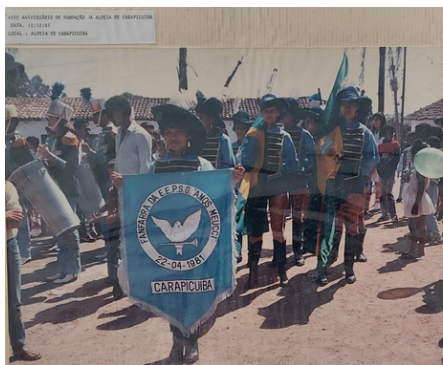
Sandra Fusco, atual Diretora da E.E. Amos Meucci

Sandra Fusco, atual diretora da Escola Estadual Amos Meucci já tem quase trinta e sete anos de trabalho dedicados à educação e parte desse período está voltado a escola onde começou como aluna. *Sandra* foi estudante nos Ensinos Fundamental e Médio (Magistério), no período em que tinha como diretora *dona Leonalda*. Terminado o “segundo grau”, *Sandra* ingressou no Ensino Superior e formou-se em Letras e Pedagogia. Voltou para a escola como professora de português e desde 2020 está na direção onde mantém contato com as mais diversas gerações que já passaram por ali: filhos, pais, avós, netos. Se considera professora-avó e em meio as dificuldades do dia-a-dia, o sentimento que nutre em sua função é de *“pertencimento e muito carinho por tudo”*, e reafirma o trabalho realizado ali visando a boa formação dos estudantes. *“O Amos já formou grandes profissionais para todas as áreas”.*

Patrono da EE Amos Meucci

Amos Meucci, patrono da escola localizada na Vila Caldas, em Carapicuíba, nasceu na cidade de Laranjal Paulista, interior de São Paulo, em 27 de dezembro de 1913.

Funcionário público do Estado, técnico do Laboratório do Departamento de Estradas e Rodagem e morador de Barueri, foi eleito vereador daquela cidade nos anos 1958 e, a partir dos anos 1960, participou do movimento emancipacionista para a criação do município de Carapicuíba. Foi vice-prefeito de Antônio Faustino dos Santos na primeira legislatura carapicuibana. Já na segunda legislatura sucedeu Faustino, elegendo-se prefeito, cargo que ocupou de 1970 a 1973. Político do MDB, Amos teve sua vida marcada também por perseguições políticas.



Famfarras da EE. Amos Meucci em 1985, no Aniversário da Aldeia de Carapicuíba

Amos foi preso pela primeira vez em 1964. Depois em 1965 e em 1969, segundo informações do Arquivo do Estado de São Paulo, por participar de homenagens ao comunista Luís Carlos Prestes.

Com as eleições de 1974, Amos chegou a suplência de Deputado Estadual. E preso novamente em 1976, acusado de peculato (crime contra a administração pública), crime pelo qual foi absolvido.

Amos Meucci faleceu em Barueri, em 9 de abril de 1977, aos 64 anos de idade.



Aldeia de Carapicuíba

Aniversário de Carapicuíba

de aldeamento indígena a quinta maior
densidade demográfica do país

Carapicuíba comemora neste 26 de março 60 anos de sua emancipação político-administrativa. Foi nesta data, ano de 1965, que deu-se a instalação do município, antes distrito de *Barueri*. A história da cidade, no entanto, começa no ano de 1580, com a carta de doação de sesmaria na região onde se formou um aldeamento organizado por padres jesuítas a fim de catequizar indígenas que aqui viviam.

E o que era aldeamento de um lado, distrito de outro, hoje é cidade onde, segundo dados do último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), vivem cerca de 398.462 habitantes espremidos em um território de aproximadamente 35 km quadrados. É atualmente a quinta maior densidade demográfica do país (11.201,99 habitantes por quilômetro quadrado), atrás somente de *Osasco*, *São João de Meriti* (no Rio de Janeiro), *Diadema* e *Taboão da Serra*.

A formação do território carapicuibano deu-se ao longo da história até que formasse o município. Distrito de *Barueri*, desde os anos de 1950 o Distrito de Carapicuíba já contava com uma população maior que o Distrito sede. De acordo com o recenseamento de 1950, eram 3.521 em *Barueri* e 5.948 em *Carapicuíba*. E foi este um dos fatores a motivar o movimento emancipatório e o ideal de criação de um novo município, movimento este que ganhou força no início dos anos 1960. Entre os emancipacionistas estavam aqueles que hoje emprestam seus nomes a instituições públicas e logradouros da cidade, como *Carlos Capriotti*, *Jorge e Toufic Joulain*, *Benedito de Lima Tucunduva*, *Antônio Lopes*, *Amos Meucci*, entre outros.

A criação do novo município foi oficializada a partir da Lei Estadual 8.092, de 28/02/1964. Quanto a formação do território que se tem nos dias atuais, este foi possível a partir da anexação de territórios de municípios vizinhos, uma vez que o Distrito propriamente dito tinha cerca de 4,5 quilômetros quadrados (estendia-se a partir do rio *Cotia*, margeava o *Tietê*, estendendo-se até o córrego *Pedreira* (que hoje faz divisa com a COHAB).

Segundo dados da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura do Estado de *São Paulo* e Instituto Geográfico e Geológico à época, coube a geógrafos desse Instituto realizarem os estudos e a demarcação do território para o novo município. Assim, foi anexada a região da *Aldeia de Carapicuíba* e entorno, *Vila Dirce* e *Santo Estevão* (então pertencentes a *Cotia*), e *Vila Marcondes*, *São Daniel* e *jardim Jussara*, que eram parte de *Osasco*. Posteriormente, coube a prefeitura de *São Paulo* ceder toda a área que hoje é a *Cohab* e que então abrigava uma fazenda de gado e matadouro pertencente ao município paulistano.

O município que começou tendo maior parte de seu território ocupado por chácaras, sítios e fazendas, hoje tem no comércio e prestação de serviços suas principais atividades econômicas.

Parabéns Carapicuíba, desejamos que esse ano seja de muito crescimento e evolução para nossa Cidade e Região !

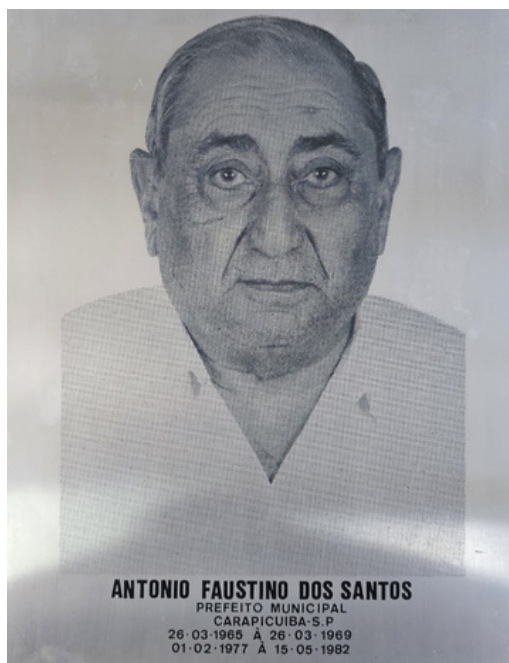
Antônio Faustino dos Santos, primeiro Prefeito de Carapicuíba

Início do processo para a Patronagem da futura EE. Antônio Faustino dos Santos

A Faculdade Estácio de Carapicuíba será palco, no próximo dia 31 de março, de evento que marcará o início do Projeto de Patronagem da Escola Estadual que receberá o nome de Antônio Faustino dos Santos. A cerimônia, marcada para a partir das 13 horas, faz parte do processo de alteração da nomenclatura atual da Escola Estadual Cidade Ariston Estela Azevedo VI.

A escola, localizada no bairro Cidade Ariston, receberá o nome daquele que foi o primeiro prefeito de Carapicuíba e a homenagem faz parte das comemorações dos 60 anos de emancipação político-administrativa da cidade.

O evento deverá contar com as participações de autoridades municipais e estaduais, representantes da comunidade escolar, além de familiares do homenageado.



Quem foi Antônio Faustino dos Santos

Nascido em Cabo de Santo Agostinho, Pernambuco, no dia 29 de julho de 1920, Antônio Faustino dos Santos fez carreira militar no Exército brasileiro. Segundo Tenente do Exército. no final dos anos 50, início dos anos 60, passou a atuar junto aos aquartelamentos de Barueri.

Paralelo a carreira militar, atuou na vida política barueriense e participou do movimento emancipatório do Distrito de Carapicuíba, então pertencente a Barueri. Instalado o município em 1965, a primeira eleição municipal teve como concorrentes Antônio Faustino dos Santos e João Acácio de Almeida, ex-prefeito barueriense. Faustino venceu a eleição com 1573 votos, contra 1502 de seu oponente. E reeleito no pleito de 1977, cumpriu seu segundo mandato entre os anos de 1978 e 1982

Em 1983, formado em Direito, o ex-prefeito foi nomeado pelo então governador Franco Montoro a assessor jurídico do Fundo Metropolitano de Financiamento e Investimento (FUMEFI).

Em 1993 voltou a ocupar um cargo político em Carapicuíba após ser eleito vereador.

Antônio Faustino dos Santos faleceu no dia 28 de junho de 2005, aos 85 anos.

Artigos em destaque

PRONTOS PRO MUNDO

Alunos de escolas da região conquistam vagas para intercâmbios internacionais

“Eu lutei para conseguir e esperava conseguir”, assim Felipe Mendes dos Santos, de 16 anos, aluno da Escola Estadual Zacarias Antônio da Silva, de Cotia, definiu a satisfação por sua classificação e a conquista do direito de participar de um intercâmbio internacional. No segundo semestre deste ano Felipe parte para a Austrália onde permanecerá durante três meses.

A conquista de Felipe veio através do Programa Prontos Pro Mundo, da Secretaria do Estado da Educação, que tem por objetivo proporcionar aos alunos das escolas públicas estaduais a oportunidade de aprofundar os estudos do inglês, além de ampliar o conhecimento de mundo e de outras culturas.

O Programa teve início em 2023 e já beneficiou cerca de 500 jovens. A seleção começa com alunos matriculados nos nonos anos, participantes do SARESP (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo). A primeira etapa do projeto classificou 70.000 alunos da rede que obtiveram os melhores resultados nesta avaliação e os classificados obtiveram uma bolsa de estudos para um curso de inglês online pela Wizard.

O curso, com duração de um ano, foi preparatório e ao final dele os participantes realizaram uma prova de proficiência. A classificação nesta avaliação, além das notas no SARESP, frequência e notas no curso e na escola indicaram os selecionados, além da autorização dos pais ou responsáveis. “É a realização de um sonho meu”, declarou Ariane Mendes dos Santos, mãe de Felipe.

Além de Felipe, outros dois alunos da Diretoria de Carapicuíba se classificaram no Programa. “Para mim foi uma surpresa, mas sempre tento fazer o melhor nas provas”, afirmou José David Ferreira Balbino, aluno da Escola Estadual Roque Celestino Pires, de Caucaia do Alto, que passará três meses também na Austrália. Já Fábio Henrique Souza Fernandes, da Manuel da Conceição Santos, de Carapicuíba, irá para o Reino Unido. “Eu sempre planejei viajar para outros países, mas não esperava ir tão cedo”, festejou Fábio.

Durante os três meses fora do Brasil os jovens ficarão em casas de famílias anfitriãs e estarão matriculados em escolas de ensino médio, as High Scholl. O intercâmbio é 100% gratuito para o aluno. Cabe à Secretaria da Educação a providência dos passaportes, visto, passagens aéreas, hospedagens e ainda uma bolsa-intercâmbio para despesas no exterior.

Além de Fábio, Felipe e José, outros dois alunos da região já participam do Programa: Felipe Yiudi, da Escola Roque Savioli, está na Nova Zelândia, e Márcio Samuel, da Salomão Jorge, embarca neste primeiro semestre também para a Austrália.



Conto A Inspetora

Por Ana Maria de Santana - Diretoria de Ensino - NAP

Quarta Parte e Final do Conto,

...

Uma vez tive uma grande e triste ideia. Ela poderia me vigiar dentro da escola, mas não fora dela.

Resolvi matar aula. Não havia feito a tarefa de artes, e a professora da matéria era muito exigente. Combinei com uma colega e fui a sua casa. Fiquei lá até a hora que terminaria as aulas. Fui embora para casa com a certeza que tinha dado certo. Faltar um dia todo mundo falta, e já tinha faltado antes.

Quando me aproximei do portão de casa, minha mãe me aguardava. Estranhei o modo como ela me olhava, e só entendi quando vi em uma de suas mãos uma cinta. Era tarde para corre...

Sem dizer uma só palavra, senti meu corpo arder em consequência das cintadas recebidas.

Fiz-me de inocente e gritei:

- Mãe, por que você está fazendo isso?

Ao que ela me respondeu, enraivecida.

- Você ainda pergunta? Cabulou aula! Pensa que não sei.

- Não, mamãe, está enganada. Pergunte a inspetora. Eu estava lá.

- A inspetora? Você quer dizer a Rute? Não se preocupe, foi ela mesma quem me avisou que você não foi a escola.

Não tinha mais argumentos. Entendia agora a fúria de minha mãe, que ainda me colocou de castigo por uma semana sem assistir à televisão.

No outro dia não suportava olhar na direção da inspetora, e pensava comigo:

“Foqueira. É isso que você é, uma focueira.”

Daquele dia em diante não quis muita conversa com ela, mas passei a observá-la de forma diferente.

Parecia cuidar de n'ós todos. Se alguém brigava, estava ela a apartar, sem, no entanto, tomar partido.

Demorei muito para perceber que tudo o que ela fazia era manter a disciplina e nos ajudar a sermos bons alunos, tanto que nunca mais tive coragem de cabular aulas.

Hoje meus filhos estudam na mesma escola, onde eu estudei. A Rute não trabalha mais lá; aposentou-se há alguns anos.

Estou aqui na Avenida Bandeirantes, neste momento com um papel em uma mão – nele está o endereço da Rute -, e na outra tenho uma caixa de chocolates para presentear a ex-inspetora. Não para tentar agradá-la, para que ela fechasse os olhos as minhas travessuras como antes, mas para agradecer por tantos anos de dedicação em que ela me ajudou a seguir o caminho certo.

Toco a campainha e já vem a Rute com uma bengala.

Está velhinha, mas com boa memória. Reconheceu-me imediatamente.

- Oi, menina travessa. Veio tomar um chá na casa de uma pobre velha?

- Não, Rute, venho trazer-lhe essa caixinha de chocolates, diet é claro...

Ela sorriu como antes e respondeu:

- Acha que vais me comprar com chocolates? Já tive a sua idade.

Reportei-me aos tempos quando ouvia a mesma resposta. E antes que dissesse algo, ela bateu nas minhas pernas com a bengala.

- Vamos entre! Vou passar um café. Quero saber o que andou aprontando por todo esse tempo.

Essa era a Rute, a minha eterna inspetora. Tudo mudou, mas ela continua a mesma...

Autora Ana Maria de Santana

Leia o conto completo na versão digital do jornal.

A Inspetora

Ela não tinha nada de engraçado. Era brava, metia medo, andava rapidamente pelos corredores da Escola.

Nada passava despercebido aos seus olhos pequenos, que mais pareciam dois detectores. Nada se escondia deles.

Muitas vezes tentei enganá-la, mas era algo que não se podia fazer. Ela nos conhecia de tal modo que parecia adivinhar nossos pensamentos.

- Está querendo aprontar não é, mocinha? Você acha que nasci ontem? – perguntava ela com a certeza de quem sabia o que eu pretendia fazer.

Pensava comigo: “Pode ser que não tenha nascido ontem, mas há um século atrás, isso com certeza...”

Certa vez mudei de tática. Resolvi agradá-la. Descobri que gostava muito de chocolates, então levei um para ela. Quando entreguei a guloseima, estava crente que ia amolecer aquele coraçãozinho. Ele fecharia seus olhinhos para as minhas travessuras.

Que ingenuidade a minha!

Mal entreguei a guloseima, ela abriu um sorrisinho que nunca havia visto antes e foi logo dizendo.

- Menina, menina, não penses que irás me comprar com um doce... Agradeço a gentileza, mas estou de olho, entendeu?

Que vontade de arrancar o chocolate de suas mãos.

Sorri Desapontada.

- Imagine, Rute. Nunca me passou pela cabeça em te comprar com presentes, doces ou seja lá o que for... só queria fazer um mimo...

Ela franziu o cenho.

Me dirigi à sala de aula, crente que talvez houvesse cativado a simpatia daquele coraçãozinho antipático que era o da Rute.

Mas me enganei.

Vez ou outra estava ela a me observar, me advertindo por qualquer coisa que, na minha concepção, achava perfeitamente normal. Tentava agradá-la, mas ela permanecia com o semblante fechado. Penso às vezes que ela se esquecera do requisito simpatia. Era formal e quem não a conhecia chegava a confundi-la com a diretora da escola. Suas palavras eram acompanhadas por um tom de severidade, os gestos eram minimamente estudados, o andar firme, e sempre me olhava por cima dos óculos.

Quando eu imaginava que ela não estava vendo, era aí que me enganava. Neste momento meu nome era pronunciado em alto e bom tom.

- Onde pensa que vais, mocinha?

Sentia um calafrio que percorria todo o corpo até as pontas dos dedos dos pés, e com a voz trêmula respondia.

- Vou ao banheiro.

- Com a permissão de quem?

- Com a minha... – dizia gaguejando.

- Ah! Com a sua permissão? Então a mocinha acha que já é dona da escola e também do seu nariz.

- Não... é que...

- É que nada! O intervalo não foi suficiente para que a senhora fosse ao banheiro?

- É que eu...

- Nada de explicações, para o que não tem explicação.

- Já para a sala de aula! O professor não permite a entrada de alunos atrasados após o intervalo, E que isso não se repita, escutou bem?

Como não poderia escutar? Fazer o quê?

Rute era mesmo uma perseguidora, minha principalmente.

Com tantos alunos naquela escola, eu era a menina dos seus olhos, só podia ser. Parecia que eles me enxergavam de todos os ângulos.

Quando ela nos olhava, nós entendíamos e, antes que nos perguntasse algo, dizíamos até o que ela não queria saber. Quando alguém fazia algo e não queria falar, ou tentávamos encobrir o mal feito de algum colega, chamavam a Rute para desvendar o mistério. E a partir daquele momento nada ficava escondido; tudo vinha às claras.

Percebíamos que os professores e até mesmo a direção depositavam nela toda a confiança. E no dia em que ela faltava, o que era muito raro acontecer, eles sentiam-se inseguros. Podemos dizer, igual a um peixe fora d'água.

Ninguém fazia qualquer coisa sem antes consultar a Rute. Em tudo ela estava metida. E o pior é que nos conhecia pelo nome e tinha uma memória para também lembrar-se de quem eram nossos pais. Às vezes penso que nos conhecia melhor que eles.

Por muitas vezes tentei aprontar algo que julgava infalível, mas a Rute chegava primeiro que eu, e ainda dizia com tom de gracejo:

- Pensa o que, menina? Já tive sua idade. E, modéstias à parte, quando você vai, eu já venho de volta.

Que raiva eu sentia quando ela adivinhava minhas más intenções.

Uma vez tive uma grande e triste ideia. Ela poderia me vigiar dentro da escola, mas não fora dela.

Resolvi matar aula. Não havia feito a tarefa de artes, e a professora da matéria era muito exigente. Combinei com uma colega e fui a sua casa. Fiquei lá até a hora que terminaria as aulas. Fui embora para casa com a certeza que tinha dado certo. Faltar um dia todo mundo falta, e já tinha faltado antes.

Quando me aproximei do portão de casa, minha mãe me aguardava. Estranhei o modo como ela me olhava, e só entendi quando vi em uma de suas mãos uma cinta. Era tarde para corre...

Sem dizer uma só palavra, senti meu corpo arder em consequência das cintadas recebidas.

Fiz-me de inocente e gritei:

- Mãe, por que você está fazendo isso?

Ao que ela me respondeu, enraivecida.

- Você ainda pergunta? Cabulou aula! Pensa que não sei.

- Não, mamãe, está enganada. Pergunte a inspetora. Eu estava lá.

- A inspetora? Você quer dizer a Rute? Não se preocupe, foi ela mesma quem me avisou que você não foi a escola.

Não tinha mais argumentos. Entendia agora a fúria de minha mãe, que ainda me colocou de castigo por uma semana sem assistir à televisão.

No outro dia não suportava olhar na direção da inspetora, e pensava comigo:

“Fofoqueira. É isso que você é, uma fofoqueira.”

Daquele dia em diante não quis muita conversa com ela, mas passei a observá-la de forma diferente.

Parecia cuidar de n´s todos. Se alguém brigava, estava ela a apartar, sem, no entanto, tomar partido.

Demorei muito para perceber que tudo o que ela fazia era manter a disciplina e nos ajudar a sermos bons alunos, tanto que nunca mais tive coragem de cabular aulas.

Hoje meus filhos estudam na mesma escola, onde eu estudei. A Rute não trabalha mais lá; aposentou-se há alguns anos.

Estou aqui na Avenida Bandeirantes, neste momento com um papel em uma mão – nele está o endereço da Rute, e na outra tenho uma caixa de chocolates

para presentear a ex-inspetora. Não para tentar agradá-la, para que ela fechasse os olhos as minhas travessuras como antes, mas para agradecer por tantos anos de dedicação em que ela me ajudou a seguir o caminho certo.

Toco a campainha e já vem a Rute com uma bengala.

Está velhinha, mas com boa memória. Reconheceu-me imediatamente.

- Oi, menina travessa. Veio tomar um chá na casa de uma pobre velha?

- Não, Rute, venho trazer-lhe essa caixinha de chocolates, diet é claro...

Ela sorriu como antes e respondeu:

- Acha que vais me comprar com chocolates? Já tive a sua idade.

Reportei-me aos tempos quando ouvia a mesma resposta. E antes que dissesse algo, ela bateu nas minhas pernas com a bengala.

- Vamos entre! Vou passar um café. Quero saber o que andou aprontando por todo esse tempo.

Essa era a Rute, a minha eterna inspetora. Tudo mudou, mas ela continua a mesma...

Ana Santana